

## VEBLEN. Marx e Schumpeter. Quando os Economistas Chegarão ao Século XX?

**VEBLEN. Marx e Schumpeter.**  
**When economists reach the twenty-first century?**

**MURILLO CRUZ** | murillo8.cruz@gmail.com  
Professor do IE/UFRJ

“Ken Galbraith (John Kenneth Galbraith), como Thorstein Veblen, será lembrado e lido quando a maioria de nós, laureados com o Prêmio Nobel, estiver enterrada em notas de rodapés nas estantes empoeiradas das bibliotecas”.

(Paul Samuelson, 1991, Prêmio Nobel de Economia)

Eu gostaria de falar muitas coisas acerca da diferença entre Schumpeter e Veblen; e mesmo entre Marx e Veblen; mas vou apenas indicar um dos pontos mais interessantes e relevantes para o campo da Economia teórica.

Schumpeter, assim como Marx, *nunca* teve problemas específicos teóricos significativos com o *mainstream economics* (a ‘*economia oficial*’). Marx jamais negaria que era um *neoricardiano*, e Schumpeter (assim como Marx igualmente) nunca avançou sua “teoria” além do que Werner Sombart chamou de “médio capitalismo”; ou, em linguagem corrente, além do que a História reconhece e designa como “capitalismo industrial” (tipicamente, o esquema econômico e social do final do século XVIII e início do século XIX).

Schumpeter *acreditava* (?), genericamente, que os empresários eram “inovadores”, e percebia as *Empresas* como típicas unidades de produção (*firms as units-of-production*), pois vivia Schumpeter, em questões de teoria, no século XVIII e início do XIX, embora o seu salário (e bem significativo), a partir de 1925, e principalmente a partir de 1932 (em Harvard), fosse do século XX. Schumpeter foi professor emérito de Harvard. E neste sentido, os empresários seriam (ou deveriam ser) “benéficos” – de alguma forma – para o desenvolvimento do capitalismo. (Assim como Marx, igualmente, “achava” que os capitalistas desenvolviam as forças produtivas); aliás, as 2 idéias são análogas e com efeitos interpretativos idênticos quanto à “importância” e o papel dos *capitalistas* nas sociedades. Em nenhum momento Schumpeter arrisca considerar que o capitalismo que ele estava analisando era o “capitalismo corporativo financeiro” real de sua época, isto é, onde os ‘*businessmen*’ (*absentee owners*) eram, estes sim, as figuras teóricas **primordiais** para uma análise conseqüente da Economia de nossa época, bem diferentes dos “*entrepreneurs*”, dos “*captains of industry*” clássicos, ou, grosso modo, dos “industriais clássicos”.

Não sabemos propriamente que razões teriam levado Schumpeter a ignorar (em sua teoria) o papel **primordial** dos “homens de negócios”, dos *businessmen*, ou seja, dos rentistas, especuladores e manipuladores dos diversos mercados bursáteis e financeiros para os destinos do “capitalismo contemporâneo”. Certamente não foi pela falta de experiência de Schumpeter nos *negócios financeiros* e suas vinculações com o “desenvolvimento do capitalismo” e dos “ciclos econômicos”, pois faz parte de sua vida dois significativos eventos vinculados aos mercados financeiros e bancários: (i) a sua experiência como Ministro das Finanças da Áustria, em 1919; e a falência do Banco privado que presidiu (o Biderman Bank de Viena), em 1924, fazendo com que perdesse ele, em equívocos financeiros, todo o seu patrimônio, deixando-o endividado por alguns anos.

Veblen não foi o primeiro a especificar, no campo da economia, que a nossa época ‘atual’ encontrava-se sob o domínio de *novas* forças e novas características (basicamente o que os autores alemães designavam, já no século XIX, por *Economia de Crédito – Kreditwirtschaft*); ou, em outras palavras, por uma nova forma de capitalismo: o capitalismo financeiro corporativo; pois outros, antes de Veblen, (como por exemplo Werner Sombart, Henry MacLeod, Karl Knies *et.al.*), já haviam claramente estabelecido as grandes diferenças históricas descritivas. Entretanto, Veblen foi o **primeiro a teorizar** (consistentemente) tal sistema Econômico contemporâneo, com a publicação de seu 2o livro, em 1904, *The Theory of Business*

*Enterprise*. Ou seja, bem antes de R. Hilferding publicar seu conhecido texto: “*Das FinanzKapital*”. *The Theory of Business Enterprise*, de Veblen, de 1904, é um dos livros mais importantes de Economia do século XX (talvez o mais importante!)

Há uma passagem bem interessante na história do pensamento econômico sobre a importância deste segundo livro de Veblen: John Hobson, bem no início do século XX, estava fazendo uma revisão de um livro seu bastante importante sobre o capitalismo moderno, para uma nova edição (originalmente publicado em 1894: *The Evolution of Modern Capitalism*). E Veblen já era um teórico social e economista internacionalmente conhecido. Quando Hobson, na Inglaterra, soube que Veblen estava redigindo um livro sobre “*the theory of business enterprise*”, Hobson confidenciou a colegas que iria esperar a publicação de Veblen para só então terminar a revisão de seu livro. Pois estava certo Hobson que Veblen iria fazer análises extremamente úteis e originais. E assim foi. (Registro também aqui o fato de que Hobson escreveu, em 1936, um livro específico sobre Thorstein Veblen).

Schumpeter obviamente leu este segundo livro de Veblen (e outros mais); mas para manter o seu bom emprego e prestígio, preferiu manter-se teoricamente no século XVIII e início do XIX, mesmo sob pena de ser descoberto, em algum momento, como um teórico “simples” e ultrapassado (em sua própria época), no campo da análise econômica. Mas Schumpeter, que conhecia bem os seus ‘pares’ economistas, colegas de profissão, e leu mais livros do que o *benchmark* de leituras de seus demais colegas, sabia que “permanecer no século XVIII e início do XIX” não seria um grande problema, pois, em geral, os economistas *professionais* não iriam “perceber facilmente” a ‘anacronicidade’ de sua obra, pois esta estava grávida de enunciados elegantes e adornada com boas doses de *insights* perfunctórios, *frills and fringes* suficientes para desviar a atenção do mundo real das empresas dominantes.

Não é por outra razão (ou não é preferencialmente por outra razão) que Schumpeter, sistematicamente, opta por excluir Veblen da galeria dos grandes economistas ... optando, às vezes ridicularmente, por nomes absolutamente insignificantes e desprovidos de qualquer significado intelectual para a reflexão econômica, como dezenas de ‘economistas’ que desfilam em sua magna (póstuma) obra “*História da Análise Econômica*” ... Schumpeter, assim como outros ‘formadores’ de opinião no campo da economia oficial, tentou deixar Veblen “esquecido” ... para que ninguém percebesse que ele (e todo o *mainstream* dito “crítico”) caísse em ridículo teórico, assim como os *streams* ortodoxos já haviam caído há mais tempo.

Schumpeter não fez isto somente com Veblen (o maior teórico social das Américas, e o único norte americano a inaugurar uma Escola (original) de Economia: o Institucionalismo). “Schumpeterianismo” nunca foi uma Escola de Economia propriamente dita (e até mesmo ele sabia!!). Schumpeter boicotou igualmente uma imensa corrente de economia super importante – O Cameralismo –, pois o Cameralismo era, há séculos, uma doutrina contrária ao liberalismo britânico, doutrina esta hegemônica nas Universidades ditas formadoras de opinião (isto é, “seus padrões”).

Para Veblen, os *businessmen*, como membros eméritos das classes dominantes e ociosas de nossa época, eram, essencialmente, predadores econômicos, e boicotavam o sistema para seus interesses pecuniários. Como disse Veblen várias vezes ... “Eles (os *businessmen*, ou os “*anonymous pensioners*”) balançam as árvores, para colherem os frutos”!! E mais, neste sentido, interromperiam o próprio progresso técnico, e o desenvolvimento, se isto viesse a significar ganhos pecuniários adicionais (bursáteis e financeiros); pois o “lucro operacional”, isto é, a lucratividade operacional do empreendimento, nesta nova etapa do capitalismo, seria importante para eles (*businessmen*, ou ‘*the vested interests*’) de forma secundária, de forma adjacente. Para o capitalismo corporativo financeiro, a “*rentabilidade prospectada do going concern*” é muito mais relevante do que a “*lucratividade operacional*”. E mais, os ativos mais importantes e determinantes na capitalização corporativa moderna, são os ativos intangíveis e o *goodwill* dos empreendimentos; e não os cabedais físicos e demais parafernalias patrimoniais corpóreas dos mesmos.

E porque Marx divide com Schumpeter, e tantos outros, uma insignificância teórica para a nossa época, e, portanto, grande respeito institucional?

Todas as teorias econômicas, com poucas exceções, continuam sustentando suas análises em duas irrealidades fundamentais. A primeira, e que não vou desenvolver aqui, pois já está devidamente coberta por ampla bibliografia, diz respeito ao sustentáculo das ‘teorias do consumo’ (isto é, ‘*pelo lado da Demanda*’), que baseia-se em uma fraudulenta hipótese de ‘soberania do consumidor’; livre escolha; etc. etc.

O que eu gostaria de salientar aqui é a hipótese, **ainda** em ampla aceitação, da “*firma como uma-unidade-produtiva*”.

Marx, Schumpeter, e a grande maioria dos economistas que continuam *vivendo no século XVIII e início do XIX*, abordam as Empresas, em suas teorias, como se elas fossem **prioritariamente** “Unidades de Produção”; de qualquer coisa ou

bens. Por exemplo, macarrão, petróleo, móveis de salas, sapatos, cimento, prestação médica, máquinas diversas, etc.

Há mais de 150 anos que as *Corporations* compõem-se como **unidades duplas** de capitalização, sendo que os objetivos materiais e concretos de suas atividades (os aspectos *'industriais' stricto sensu*) não têm importância significativa para a análise econômica adulta de nossa atual época. O que se capitalizam, há mais de 150 anos, majoritariamente, não são cabedais passados, ou capitais patrimoniais corpóreos (como máquinas, equipamentos, terrenos, etc.). A capitalização mais importante para os *businessmen* é a capitalização de um **rendimento prospectivo calculado ao valor presente, e negociado, através de securities, como uma oportunidade; ou, em última instância, e por outro ângulo, a capitalização de Direitos.**(Esta é uma definição minha).

Em inglês, o que se capitaliza, em cada corporação, é a *"earning capacity"* do *"going concern"*, ou, igualmente, *direitos a receber*; e não propriamente o número e a quantidade de equipamentos e demais adereços corpóreos produtivos da *Corporation*. E esta é a razão principal das imensas dificuldades dos contadores, nos últimos c. 80 anos, em avaliar precisamente os *"valores contábeis corretos"* das corporações. Como eu costumo dizer, uma *Corporation* não é uma padaria enorme, ou um restaurante imenso. Uma Corporação moderna é uma instituição bem típica de nossa época, e com diferenças (administrativas, jurídicas, e financeiras) significativas vis-à-vis as típicas *"fábricas"* e/ou empreendimentos *'industriais'* do final do século XVIII e início do XIX.

Como dito acima, as *Corporations* não *"nascem"* e desenvolvem-se para, prioritariamente, *'produzir'* coisas, mas sim para, indiretamente, servirem de fontes de Renda para os *"aplicadores"*, especuladores, manipuladores e demais personagens do sub-mundo financeiro, isto é, para os *absentee owners* (os proprietários ausentes, os *"anonymous pensioners"*). Certa vez, o conhecido Alfred Chandler referiu-se ao que estou salientando aqui com a seguinte frase: *"As empresas deixaram de ser unidades produtivas e converteram-se em Fontes de Renda"*.

Eu não posso, aqui, desenvolver todas as conseqüências importantíssimas desta questão. Mas não posso deixar de explicitar uma conseqüência desta posição anacrônica dos *"economistas e dos analistas econômicos em geral"*: os administradores de empresas (principalmente das áreas de finanças) e os advogados (principalmente da área de Direito Comercial), acabam *'entendendo'* mais de Economia do que os próprios economistas, pois as duas formações acima que citei, abordam, normalmente, as Empresas de forma bem pragmática, e conse-

guem facilmente perceber a quantidade de “retórica inútil” que os economistas e os livros ‘oficiais’ de economia continuam a divulgar sempre que falam de “empresas”, negócios, investimentos, etc.. Praticamente, com exceção da Escola Institucionalista, de Veblen, Commons, Ayres, *et.al.*, todas as vertentes em economia abordam a Empresa como uma unidade típica do século XVIII ou início do XIX.

Uma específica malandragem teórica adicional de Marx sobre a “*firm as-unit-of production*” aqui em consideração

Uma das malandragens teóricas adicionais de K. Marx, no aspecto aqui em consideração, certamente para poder continuar morando no centro do capitalismo financeiro sem ser molestado (Londres), durante décadas, até o final de sua vida (em 1883), e que até hoje engana muita gente, principalmente os jovens, foi desviar a atenção dos incautos para a idéia de que a ‘exploração capitalista’ nasce no processo produtivo (através da *mais-valia apropriada* do trabalho, isto é, em última instância, trabalho não pago); e os “juros”, nitidamente uma “*unearned income*”, como ‘cobrados’ a partir da existência da mais-valia produzida e realizada na produção e circulação (isto é, o “juros” como uma categoria ‘retirada’, diminuída, da mais-valia, ao término, ou ‘no meio’ do ciclo capitalista). Ou seja, os banqueiros, cias. de investimentos, especuladores, financistas, etc., que já comandavam todo o sistema da época, ficam, na teoria de Marx, de Schumpeter, e de tantos outros, relegados a personagens ‘secundários’ vis-à-vis os Industriais (‘produtivos’). Como se os Rothschilds ou os Morgans, já não fossem, no século XIX, os poderes supremos e absolutos do sistema ‘econômico’ e social, e indispensáveis ao estudo sério dos que tivessem a intenção verdadeira de compreender o ‘capitalismo’. Assim, uma maneira *malandra* (mas astuta) de desviar a atenção dos poderes das casas bancárias dominantes do capitalismo de nossa época, de desviar a atenção dos *absentee owners*, dos ‘*captains of finance*’, foi ‘inventar’ ou deixar os juros como uma categoria a ser ‘cobrada’, **derivada, do lucro capitalista (industrial ou mercantil) (da mais-valia como um todo)**. Talvez seja por esta razão, e outras, que grandes casas bancárias ‘nunca’ tiveram grandes problemas com o ensino da teoria marxista (propagandeada como ‘radical’). Pois o ‘capital’, que Marx e os marxistas ‘atacam’ e denunciam, ou são pouco importantes (embora profusos); ou devem ser ‘atacados’ (como não sociais e perniciosos), dado as estratégias dos próprios ‘*brokers*’ financeiros, para as próprias estratégias dos *ab-*

*sentee owners* em suas fusões, incorporações, e, em última instância, as elevações de suas propriedades, de seus goodwill, e de seus créditos.

Em suma, existe uma grande distância entre Schumpeter – professor emérito de uma das instituições de inteligência dos EUA (Harvard) – e Veblen, professor itinerante e sucessivamente demitido de várias universidades (embora famoso no mundo todo, e convidado, em 1925, para presidir a famosa Associação Norte Americana de Economistas (que ele não aceitou!!). E igualmente uma grande distância entre Marx e Veblen, principalmente na compreensão e explicação do capitalismo moderno, dos conceitos de capital, etc.